

O USO DO AUDIOVISUAL NO TRABALHO DE INTEGRAÇÃO

Marina Freitas Garcia
Renata Reis C. Batistella

O IEP e o TI: integrar conteúdos e dar sentido ao aprendizado

O presente texto pretende relatar uma experiência de formação do Trabalho de Integração (TI) realizado em parceria pelo Laboratório de Trabalho e Educação Profissional em Saúde (Lateps) com o Núcleo de Tecnologias Educacionais em Saúde (Nuted) da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, da Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV/Fiocruz). Trata-se de um trabalho desenvolvido com alunos da segunda série do Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio com habilitação em Análises Clínicas no ano de 2012.

O Curso Técnico Integrado da EPSJV possui um componente curricular denominado Iniciação à Educação Politécnica (IEP) que tem a politecnicidade como estruturante da formação. Seu propósito é que os estudantes possam compreender os princípios científicos presentes na forma de organização do trabalho na sociedade (Saviani, 2003), buscando romper com as dualidades entre preparar para o trabalho ou para prosseguir os estudos; preparar para o trabalho manual ou para o intelectual; preparar para ser dirigente ou dirigido. O objetivo do IEP é garantir que, independentemente da habilitação, os técnicos formados pela escola compreendam as questões históricas e conceituais que permeiam a formação e o trabalho no Sistema Único em Saúde (SUS).

O IEP inclui os quatro eixos considerados fundamentais para a formação politécnica em saúde: Trabalho, Políticas, Saúde e Ciência. O conteúdo ministrado nos eixos visa oferecer aos alunos mecanismos que desenvolvam uma capacidade de pensar sua prática profissional com base em um contexto mais amplo, que exige um conhecimento crítico sobre o campo da saúde pública.

Além dos eixos, que representam as bases científicas, éticas, culturais e políticas que devem estar presentes na formação técnica em saúde, o IEP conta com uma estratégia pedagógica, denominada Trabalho de Integração (TI), que, como o próprio nome já indica, tem como objetivo principal promover a integração dos conteúdos dos eixos pedagógicos, aliado à aproximação com um campo de investigação. Dessa forma, o TI constitui um processo de prática investigativa, apoiado por um trabalho de campo sob orientação docente, que busca ampliar os cenários de ensino-aprendizagem dos alunos.

O TI é uma atividade estruturada em pequenos grupos de no máximo, dez alunos, subdivididos a partir da turma original da habilitação. Os docentes, ou preceptores, oferecem aos estudantes diversos temas, para que façam então a sua escolha, de acordo com seu interesse ou afinidade. O trabalho em pequenos grupos proporciona um acompanhamento mais próximo do desenvolvimento e do percurso de aprendizagem do aluno. Em cada encontro, os alunos são estimulados a desenvolver registros do trabalho de pesquisa na forma de relatórios e resenhas, visando fortalecer a capacidade de sistematizar conhecimentos e expressá-los pela escrita. Essas experiências são registradas em um portfólio, juntamente com as atividades dos eixos temáticos.

De uma maneira geral, o portfólio está mais ligado ao mundo das artes visuais e da moda, apresentando-se como uma espécie de dossiê, no qual são agrupados documentos sobre determinado assunto que servem para apresentação de produções individuais ou coletivas (fotos, trabalhos, artigos, desenhos...). No campo da educação, tem sido utilizado como importante instrumento de acompanhamento e avaliação do processo formativo. O portfólio permite o registro e a visibilidade dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos, e o acompanhamento do desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem pelo professor.

No TI, o portfólio reflete os caminhos e produtos construídos ao longo das atividades de articulação entre teoria e prática. Sua elaboração não segue um roteiro fixo, mas não é independente do processo educativo. Por isso, é preciso saber o que se quer alcançar: quais os objetivos de aprendizagem, as produções

significantes e os resultados que se espera visualizar. O importante é entender o dinamismo e a singularidade do portfólio como dispositivo avaliativo e tecnologia educativa que fortalece a criatividade, a autoavaliação, o desenvolvimento cognitivo e o potencial artístico e crítico dos alunos. (Fonseca e Pontes, 2009).

Além do portfólio, o TI tem como instrumento de avaliação a apresentação do trabalho de cada grupo por meio de seminários, que acontecem semestralmente, ao final do primeiro semestre e ao final do ano letivo. Os seminários são momentos pedagógicos muito ricos, pois, além de possibilitarem a apresentação dos trabalhos desenvolvidos, estimulam também a troca entre os diversos grupos de TI. Trata-se de um momento em que o exercício do trabalho em grupo se torna mais concreto, e os estudantes têm a oportunidade de experimentar e superar os desafios de realizar um trabalho coletivo. O conteúdo e o formato de apresentação dos trabalhos são definidos pelos grupos e podem ser os mais variados: vídeo, charge, exposição fotográfica, animação, teatro etc.

O maior desafio dessa prática pedagógica é fazer os estudantes se envolverem com a proposta a ponto de poderem protagonizar o trabalho. Além disso, ao sistematizarem os conhecimentos apresentados nos eixos, os alunos confirmam a importância de que tais conhecimentos sejam abordados no tema proposto para o TI. Mas como fazer isso? Como dar sentido e significado a um tema, aparentemente duro, como a precarização do trabalho na saúde, para jovens que se encontram em uma fase da vida na qual muitas outras experiências e relações transcendem a preocupação com a prática profissional?

Para Marise Ramos (2013), uma das funções da escola é também educar os próprios interesses dos estudantes. Segundo a autora, um trabalho escolar comprometido com o conhecimento sistematizado não só pode propiciar um interesse maior do estudante, como também pode estimular o movimento de “questionar, pesquisar, relacionar, enfim, a um processo de aprendizagem que é significativo não porque o conteúdo se vincula formal e/ou artificialmente com situações cotidianas ou a obrigações escolares, mas porque tal conteúdo possibilitou compreender o mundo em que ele vive e que ele reconhece tal compreensão como uma conquista” (Ramos, 2013 p. 6).

O encontro entre o interesse de ensinar e o de aprender, necessário ao processo de aprendizagem, exige método e conteúdo. “As metodologias proporcionam as mediações necessárias a esse processo, enquanto a efetiva correspondência entre a teoria e sua capacidade explicativa do real dá sentido aos conteúdos curriculares.” (Ramos, 2013, p. 6). A questão que se coloca ao estudar o mundo

do trabalho é se essa proposta propicia uma abordagem dos conteúdos de forma que eles ganhem vida produtiva, social, cultural e histórica:

Os conteúdos se manifestam aos estudantes, então, como conhecimentos entranhados nos processos produtivos materiais e não materiais, assim como nas transformações científico-tecnológicas e nas relações políticas, culturais e sociais concretas. Tais processos podem se constituir como mediações da prática pedagógica, vindo a ser estudados como momentos históricos da produção social da existência humana. (Ramos, 2013, p. 5)

No caso do TI “Precarização do trabalho na saúde e a situação dos técnicos de laboratório”,¹ o objetivo foi o de investigar como a precarização do trabalho na saúde tem afetado esses trabalhadores, buscando colaborar para uma reflexão sobre a reestruturação produtiva e suas consequências: desemprego, precarização estrutural do trabalho, perda de direitos etc., e, mais especificamente, qual o impacto dessa mudança para os técnicos de laboratório.

A proposta metodológica do TI idealizado pelo Lateps e pelo Nuted, da ESPJV/Fiocruz é que os alunos sejam autores, produtores, diretores e editores de um vídeo sobre o tema da precarização do trabalho na saúde por meio do qual se formule um processo de investigação mais amplo sobre os trabalhadores técnicos de biodiagnóstico, que inclua discussões teóricas e levantamento bibliográfico, historiográfico e iconográfico.

A prática investigativa – que equivale à etapa de pré-produção do vídeo – compreende leituras e debates sobre autores que discutem as transformações do mundo do trabalho e suas consequências para os trabalhadores, fazendo referência aos conteúdos já estudados no eixo Trabalho. Nessa etapa, procuramos trazer ainda exemplos de como a reestruturação produtiva e a precarização do trabalho estão presentes no próprio cotidiano dos estudantes, seja por meio de uma apresentação sobre a diversidade de vínculos presentes na gestão do trabalho das instituições de saúde, ou de vídeos institucionais de laboratórios de análises clínicas veiculados na mídia, que ressaltam as vantagens da flexibilização do trabalho, associando-a à qualidade dos serviços prestados.

¹ Este trabalho está vinculado a dois outros estudos anteriores, também realizados com estudantes das turmas de Análises Clínicas. O primeiro buscou uma reflexão sobre a construção histórico-social do trabalhador técnico: o que significa ser um trabalhador técnico? Qual o panorama atual do trabalho técnico de laboratório? Essas questões pretendiam estimular os estudantes a pensar sobre sua formação e sua prática como futuros técnicos de laboratório. Já segundo estudo abordou o impacto das tecnologias no trabalho dos técnicos de laboratório.

Em paralelo às leituras e às discussões mais focadas no mundo do trabalho, buscamos exibir filmes que, além da temática trabalho, tragam narrativas diversas sobre questões da juventude, tais como relacionamentos afetivos, ética, sexualidade e vocação profissional. Acreditamos que esse exercício funciona como um dispositivo audiovisual de fomento à imaginação e à criatividade, sensibilizando os alunos a encontrarem uma forma própria de contar suas histórias.

O TI "Precarização do trabalho na saúde": audiovisual e politécnica

Por que uma produção audiovisual e não outro recurso tecnológico? A utilização da imagem, sobretudo do cinema, da televisão e da internet, na educação não é algo novo, especialmente com o avanço dos recursos tecnológicos, essa, que era só uma possibilidade, está se concretizando na maioria das escolas. A questão, no entanto, é a forma como essa incorporação vem sendo realizada, pois a análise meramente conteudística e o fetiche pela técnica contribuem para o ocultamento das relações que estão para além do visível e do aparente.

Na perspectiva politécnica, o audiovisual na educação cumpre importante papel na formação dos alunos como elemento intelectual e artístico, unindo elaboração crítica sobre a realidade e sensibilidade. O audiovisual na educação se articula com diversos campos de conhecimento, em especial com a história, a filosofia, a literatura e as artes de modo geral. Além de se realizar como crítica à sociedade produtora de mercadorias, incide sobre o processo de formação humana a partir de um horizonte de criação e liberdade, dando conta de um conteúdo inovador para a formação de nível técnico em saúde.

Construir uma imagem é usar de artifícios. A crença na realidade da imagem é desmontada quando se deixa de ser mero consumidor. Da mesma maneira, o domínio das técnicas e das ferramentas de produção deixa de ser exclusivo quando se compactua com as técnicas de fabricação da ilusão da realidade que é a imagem. Entretanto, a “imagem maquiada, remodelada, aparada em suas arestas e conflitos e, principalmente, divulgada, passa a ter valor de verdade. Nossa crença na imagem não é mais uma questão de razão, é uma questão de fé” (Lobo, Ferreira e Galvão, 2009, p. 61-62).

Ainda que a produção de imagens, no mundo global, não se restrinja apenas a grandes proprietários, a dificuldade é se libertar dos padrões estabelecidos, que ditam determinados formatos e concepções. Como, então, criar espaços para

contrastar essa realidade? É possível pensar a imagem em outra perspectiva, ou seja, aquela que subverta a lógica do espetáculo?

Certamente não há resposta simples para uma problemática contemporânea que se revela mais complexa a cada aparato tecnológico inventado, a cada novo modelo de câmera lançado. Todavia, a provocação imediata que essas indagações suscitam nos leva a refletir sobre a forma de produção de imagens ou, melhor posto, a forma como se produz. É nesta perspectiva que o TI sobre a precarização do trabalho entende a elaboração de uma produção audiovisual com os jovens do ensino médio: tendo como referência a educação politécnica, a realização de um vídeo não passa apenas pelo domínio das tecnologias de produção, reprodução e difusão das imagens, mas também pelos fundamentos socioculturais que incidem sobre o uso e a produção massiva das imagens no mundo contemporâneo. Nesses termos, a utilização das câmeras e das ilhas de edição não se separa do processo de elaboração/formulação teórica: a forma como se produz não se separa do conteúdo da produção.

Nesse sentido, é fundamental que a metodologia de ensino audiovisual (vídeos, filmes, documentários, clipes, sítios etc.) seja resultado de um processo coletivo de produção que inclua a construção do argumento e roteiro por meio de pesquisa, filmagem, produção e edição. A produção audiovisual nas atividades pedagógicas investe na elaboração do roteiro cinematográfico como um instrumento de reflexão sobre as ideias para, posteriormente, transformá-las em imagens. Pensar no que filmar, como filmar e para que filmar são exercícios centrais numa época que a imagem se absolutizou e se tornou quase inquestionável. Nessa perspectiva, as etapas descritas a seguir são coletivamente construídas para a elaboração do vídeo.

O roteiro cinematográfico é a expressão escrita das ideias em ordem cronológica. Ele tem peculiaridades não encontradas em nenhum outro tipo de escrita: a história contada em palavras só tem como objetivo ceder lugar as imagens; é ele um primeiro passo para um vídeo. A ideia inicial de um vídeo pode partir das mais variadas motivações, emocionais ou racionais. Ele pode ser inspirado em fatos históricos, em reflexões a partir de frases ouvidas, de imagens, de uma notícia, de sonhos etc.

Luis Buñuel, cineasta surrealista, tinha nos sonhos suas inspirações, ou seja, os dispositivos de suas histórias:

Esse amor louco pelo sonho, pelo prazer de sonhar, totalmente desprovido de qualquer tentativa de explicação, é uma das atra-

ções profundas que me aproximaram do surrealismo [...]. Mais tarde, introduzi sonhos em meus filmes, tentando evitar o aspecto racional e explicativo que apresentam na maioria das vezes. Disse um dia a um produtor mexicano, que não gostou nada dessa brincadeira: “Se um filme for muito curto, introduzirei um sonho nele”. (Buñuel, 1982, p. 127)

No ano de 2012, o TI “Precarização do trabalho na saúde” realizado com a turma de dez jovens estudantes do segundo ano do Ensino Médio Técnico em Análises Clínicas, na modalidade de currículo integrado, teve como produto final o vídeo chamado *Alienado*,² que conta a trajetória de Abel Venâncio, um técnico de laboratório narrando sua história e rotina de trabalho. Enquanto apresenta sua vida, são mostradas as condições precárias de trabalho de Abel e como sua vida pessoal e familiar são afetadas pelo trabalho, sem que ele se perceba. O roteiro, nesse caso, foi motivado por questões emocionais e ao mesmo tempo históricas, porque traz à tona preocupações de futuros técnicos em saúde no que diz respeito ao seu lugar no mundo do trabalho flexível e precarizado.

O exercício de roteirização para esse vídeo objetivou a construção de um esquema fílmico, ou seja, uma espécie de lista de sequências com uma breve descrição das ações já na ordem em que apareceriam no roteiro final. A escaleta, ou roteiro escalonado, não contém os diálogos, os detalhes das cenas, a reação dos personagens etc.

Esse processo permite a imersão dos alunos na estruturação do drama, ou seja, na busca dos dispositivos, no desenho dos personagens, na aparição do conflito, na superação do herói, na moral suscitada e na finalização da história (Mamet, 2001). Ao mesmo tempo, o desenvolvimento da escaleta em roteiro audiovisual permite aos alunos a pesquisa de espaços, personagens, cenários, figurinos, sons, climas... Pouco a pouco, essas indicações aparecem bem definidas nos roteiros, e o então texto cede lugar às imagens.

Outra etapa desenvolvida após a finalização do roteiro e suas diversas revisões e tratamentos é a decupagem. Decupar significa recortar; portanto, decupar uma ação significa recortá-la do texto convencional, em “pequenos fragmentos”,

² Além de ter sido selecionado para apresentação na Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (*Anped*) em 2012, o vídeo, publicado em 15 de novembro de 2012, foi exibido no Canal Futura no programa Salto para o Futuro, que aborda as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, em 27 de setembro de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/culturapolitecnica>. Acesso em: 10 ago. 2016.

em “pedaços de imagens”. Nesse momento, é fundamental o conhecimento das noções básicas que norteiam e compõem a narrativa e a linguagem cinematográficas. Assim como produzir uma redação ou um artigo, produzir um filme requer domínio de composição não de palavras, mas de imagens. São introduzidas noções de fotografia, edição, montagem e finalização. Essa fase é especificamente de cortes e desmontagens. Um filme é uma obra fragmentada e descontínua, concebida e realizada em pequenas partes. Somente quando finalizado, na fase de montagem, retomar a sua forma contínua. Concebido desde o seu nascimento como um conjunto de elementos, o filme será fabricado por pequenas unidades, denominadas planos (Marques, 2007, p. 27-28).

A escolha dos planos, do posicionamento da câmera, da fotografia, do som, da entrada e saída dos personagens são composições das cenas, destinadas a transmitir sensações. Compor uma imagem é um jogo de técnicas, técnicas essas pensadas e planejadas de acordo com os interesses de quem as idealizou. “Se eu usar um *closed*³ neste plano vou criar a emoção para ele sorrir no próximo plano!” A fala desse aluno durante um exercício de decupagem ilustra a percepção de que o encadeamento de planos cria emoções e sensações que, em última instância, compõem o drama.

Feito o roteiro e finalizada a decupagem, inicia-se a preparação e o planejamento para as filmagens. Na etapa da pré-produção, os alunos se dividem em equipes, de acordo com o interesse nas diversas áreas de realização: direção e assistência, atuação, fotografia, direção de arte, edição e montagem, sonoplastia etc. Quando a filmagem acontece, tudo está devidamente pensado, com todas as equipes prontas no local. Esse é, finalmente, o momento de apertar o *play*. Ao final das filmagens, o material fica sob responsabilidade da equipe de finalização. A pós-produção/finalização inclui as etapas de edição, montagem, mixagem e, na maioria dos casos, da divulgação e distribuição da obra.

Quase como uma brincadeira, *Alienado* foi construído nessas bases metodológicas: familiarizar os alunos com as possibilidades da linguagem audiovisual, dentro de uma dinâmica que reunisse teoria e prática, para propor uma leitura crítica da sociedade em que se permite discutir o mundo do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura em termos históricos, filosóficos, sociológicos e estéticos.

³ *Closed* é um tipo de plano em que a câmera focaliza apenas o rosto da personagem.

Luz, câmera e ação: algumas reflexões...

Essa experiência nos mostrou que a realização de uma produção audiovisual assume um papel protagonista no processo de ensino-aprendizagem. Diferentemente daquilo que o senso comum pode classificar como um mero fetiche tecnológico, um substitutivo da produção e síntese textual, a elaboração de um vídeo pode proporcionar um “ir além” dos saberes da formação geral e técnica, na medida em que promove uma ressignificação dos conhecimentos apreendidos pelos estudantes, à luz de suas experiências, significados e visões do mundo do trabalho e do trabalhador técnico.

Nessa experiência, os alunos passaram de espectadores a produtores, demarcando uma produção autoral e coletiva. E foram além de produtores, atores do vídeo e da vida real, porque puderam se reconhecer como sujeitos produtivos a partir da projeção do cotidiano de um trabalhador técnico da saúde submetido à precarização do trabalho, com todas as contradições presentes no contexto do capitalismo flexível.

O resultado mais imediato é uma reflexão crítica acompanhada de uma desmistificação da cultura do trabalho hoje hegemônica e amplamente difundida pelo senso comum, na qual aspectos como a empregabilidade do trabalhador e a flexibilidade do processo e das relações de trabalho seriam inovações necessárias, sinônimos de eficiência e sucesso para os trabalhadores, que devem adaptar-se aos novos modos de produção no capitalismo. Ao contrário disso, a precarização tem acarretado perda de direitos trabalhistas, fragilidade na capacidade de organização e luta dos trabalhadores, além de contribuir para o aumento de uma série de patologias psíquicas relacionadas ao trabalho.

Outro aspecto a ser destacado é a dimensão coletiva da criação. O processo de divisão em equipes em um primeiro momento pode parecer ratificar a divisão do trabalho e o conhecimento de apenas uma das etapas de produção do vídeo, mas, na prática, revela que o momento da filmagem é o *locus* de integração das equipes, é o espaço de realização de um trabalho que deve ser partilhado e compartilhado por todos.

A frase “luz, câmera e ação”, para além de traduzir um momento central no formato audiovisual, no âmbito do TI representa a efetivação do trabalho coletivo de jovens alunos que uniram a reflexão à ação e o conhecimento à imaginação e à criatividade.

Referências bibliográficas

- BUÑUEL, Luis. *Meu último suspiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- FONSECA, Angélica F.; PONTES, Ana Lúcia M. *Guia dos alunos*. Rio de Janeiro, 2009. (Mimeo.).
- LOBO, Roberta; FERREIRA, José B.; GALVÃO, Gregório A. Educação politécnica e produção audiovisual: experiências com o curso técnico de nível médio em saúde. In: MONKEN, Maurício; DANTAS, André Vianna (org.). *Estudos de politécnia e saúde*. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2009. v. 4, p. 49-76.
- MAMET, David. *Três usos da faca*. Sobre a natureza e a finalidade do drama. São Paulo, Civilização Brasileira, 2001.
- MARQUES, Aída. *Ideias em movimento: produzindo e realizando filmes no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- PONTES, Ana Lúcia M.; FONSECA, Angélica F. Iniciação à educação politécnica em saúde: uma proposta de formação de técnicos em saúde. *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, p. 559-569, nov. 2007-fev. 2008.
- _____; _____. *Sistema de acompanhamento e avaliação da Iniciação à Educação Politécnica em Saúde (IEP) 2009*. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2009.
- RAMOS, Marise N. *Novas diretrizes curriculares nacionais para o ensino médio*. Rio de Janeiro: Salto para o Futuro, 2013.
- SAVIANI, Dermeval. O choque teórico da politécnia. *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 131-152, 2003.